



MORAL DA HISTÓRIA? NÃO HÁ

MORAL OF THE STORY? THERE IS NOT

João Pedro Rosa Ferreira¹ <https://orcid.org/0000-0003-0860-2471>

Recebido em: 30 de outubro de 2021.

Revisão final: 13 de novembro de 2021.

Aprovado em: 15 de novembro de 2021.

 <https://doi.org/10.46401/ardh.2021.v13.14793>Por Maria Ana, viscondessa de Alco Furado.²

Está muito calor esta noite, no Rio de Janeiro. O sono tarda a chegar e, enquanto Morfeu não me abraça, embalam-me as memórias. De gente, de lugares, de cheiros – adoro cheiros –, sons e cores. Nunca sonhei vir aqui parar... e posso dizer que viajei muito ao longo da vida, sobretudo desde que meu Pai decidiu casar-me com o visconde, meu falecido marido. Os negócios do Estado levaram o meu esposo às principais cortes europeias – e eu, obediente, segui-o nessas missões diplomáticas. Recordo com particular enlevo as permanências mais prolongadas em Turim e, sobretudo, em Viena, durante os meses em que se desenrolou (alguém menos diplomata diria “arrastou”) o Congresso que decidiu os destinos da Europa, isto é, do mundo. Mas, embora mais curtas, as passagens por Madrid, Paris, Londres e Roma contribuíram de forma significativa para a minha educação sentimental.

Li muito, desde menina, quando aprendi as primeiras letras com as freiras do convento das Trinas, ali entre a Lapa e a Madragoa, a que muitos ainda chamam o Mocambo, em Lisboa,

1 Doutor em História e Teoria das Ideias (**Castigar a rir. O humor na imprensa periódica portuguesa 1797-1835**). Pesquisador do Centro de Humanidades da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (CHAM/NOVA), Portugal. É autor de **O Jornalismo na Emigração. Ideologia e Política no Correio Braziliense (1808-1822)** e de vários livros de divulgação, incluindo **Histórias Rocambolescas da História de Portugal** (2010; 10ª edição, 2016). Membro da Sociedade Internacional de Estudo do Humor Luso-Hispânico e da SHARP – Society for the History of Authorship, Reading and Publishing. Foi bolsista da Fundação para a Ciência e Tecnologia, Portugal. Como jornalista, desempenhou funções de coordenação editorial e de direção em revistas e jornais diários e semanários. Colaborou com as revistas brasileiras História Viva e Entre Livros. Currículo do autor: <https://cham.fcsh.unl.pt/investigador-perfil.php?p=583>. E-mail: jprosaferreira@gmail.com

2 Pseudónimo de João Pedro Rosa Ferreira, historiador e jornalista português, pesquisador em história cultural do humor.

terra de muitas e desvairadas gentes, como dizia o cronista. Ao contrário da maior parte das minhas condiscípulas não me perdi de amores pelo meu professor de latim e música. Nas minhas fantasias, desde as mais pueris, as protagonistas eram sempre as minhas companheiras. Mais tarde, quando me vieram parar às mãos livros narrando histórias de amores infelizes – que alguns literatos contemporâneos, sempre a par do último grito da moda, chamam romances – nunca suspirei por Páris, Abelardo, Tristão ou Romeu... Em contrapartida, ruborescia sempre que pensava em Helena, Heloísa, Isolda ou Julieta.

A iniciação carnal, com meu marido – *noblesse oblige* – não me entusiasmou. Cumpri religiosamente as minhas obrigações conjugais, mas excitação mesmo só a conheci com a leitura de **Fanny Hill**, que subrepticamente me ofereceram em Londres. O regresso ao Continente, que nos levou até Paris, abriu-me toda uma nova perspectiva de vida. Suspirei até ao desfalecimento com as páginas de **A Religiosa, do philosophe** Diderot, e fiquei perturbada com uns escritos que me disseram ser da pena do marquês de Sade, que morreu não há muito tempo no manicómio de Charenton. Estremeci com os infortúnios de Justine e as descrições d'**A Filosofia na Alcova**. Mas não consegui evitar a vontade de experimentar as práticas imaginadas pelo espírito tresloucado de Donatien Alphonse. Devorei as **Ligações Perigosas** do Senhor de Laclos e lembro-me até que me apontaram o visconde de Valmont e a marquesa de Merteuil, já bastante envelhecidos, quando meu marido foi recebido em Versailles por Suas infelizes e martirizadas Majestades, Luís XVI e Maria Antonieta. Nunca esquecerei o olhar inseguro da tia da princesa Leopoldina, que Nosso Senhor avivente e santifique. Equilíbrio e tranquilidade só os encontrei nas páginas dedicadas por Montaigne à amizade nos seus **Ensaio**s.

Regressei a Lisboa e, entre duas missões diplomáticas do meu marido ao serviço da Coroa de Portugal, ainda fui convidada para uma estranha função que teve lugar no Palácio dos Sousas, ao Calhariz. O convidado de honra, conde de Cagliostro, fez uma demonstração da moderníssima técnica de *mesmerização*, que dizem ser remédio para todos os males do espírito e alguns do corpo. A verdade é que senti-me adormecer e não me lembro do que sucedeu a seguir, mas quando recuperei a consciência estava toda afogueada e com as roupas em desalinho.

Pouco depois partimos para as cortes italianas. Em Turim perdi-me de amores por uma azougada piemontesa, ainda aparentada da Casa Real de Sabóia, que me recitou versos da poetisa grega Sapho e me desvendou os segredos do prazer entre mulheres. Já em Roma, tive de fugir de dois cardeais, um no Vaticano, outro em S. João de Latrão. Em Nápoles coube-me em sorte cair nas boas graças da rainha Maria Carolina, que me permitiu visitar o *inferno* da sua galeria de arte. Ali estão cuidadosamente conservados, longe da vista do povo, os achados que ultimamente têm sido trazidos das ruínas de Pompeia, incluindo pinturas de frescos e estatuetas com cenas vergonhosas e representações exageradas das dimensões do órgão masculino, referidas nos textos como alfaias do culto ao deus romano Príapo. Gostei muito. Já não gostei foi da severidade, a meu ver excessiva e nada cristã, com que Maria Carolina justicou os infelizes revolucionários derrotados – como acabam por ser todos os revolucionários – do Reino das Duas Sicílias.

Partimos em seguida para a Áustria. O Congresso de Viena, que repôs a ordem do Trono e do Altar, devolvendo os estados europeus aos seus legítimos monarcas, na ressaca da aventura do

Buonaparte, reuniu durante longos meses na capital dos Habsburgo os representantes das principais potências. Enquanto o meu marido assessorava o conde de Palmela, chefe da missão portuguesa, nas intrincadas negociações (ele estava sempre a falar na troca de Olivença pela Cayenne, e sobre os nossos interesses na Banda Oriental do Rio da Prata), eu e as mulheres de outros diplomatas líamos as memórias de Casanova, onde o libertino conta ter apanhado sífilis com uma portuguesa em Londres. À noite assistíamos à ópera. Impressionou-me particularmente **Don Giovanni**, embora achasse a tão celebrada lista de Leporello – *Madamina, il cattalogo è questo...* – uma *boutade* para esconder alguma insuficiência de Mozart: **È in Spagna mille e tre!**... Por outro lado, pareceu-me muito apropriado o subtítulo: **O Libertino Castigado**.

Em Viena diverti-me muito, gozei muito. Aprendi as diferenças de feitio, trato, cultura e costumes entre inglesas, francesas, espanholas, prussianas, bávaras, russas, polacas venezianas ou sicilianas. Aprendi mais: que cada pessoa é uma pessoa, não um exemplar de um país ou de uma raça – latina, germânica, celta ou eslava. Só não tive oportunidade de conhecer nenhuma das esposas do embaixador da Sublime Porta. Infelizmente, os vassallos do sultão não deixam as mulheres sair da zona que lhes está reservada nos palácios. Costumes maometanos...

Por fim, o meu marido recebeu ordens para vir para a actual capital do Império lusitano. Em Portugal já se queixam amargamente de que o Reino se tornou uma colónia da antiga colónia, mas é a vida. E a vida aqui no Rio de Janeiro nem me corre mal. Sobretudo desde que envievei e deixei de ter de cumprir certas obrigações.

As damas da Corte vão passando o tempo conforme os respectivos gostos, que os há para tudo. Todas lêem e comentam as últimas notícias de Lisboa, trazidas pelo pacote de Londres no **Correio Braziliense**. Há uns tempos, o motivo de conversa geral era o escândalo, relatado naquele jornal, da relação adúltera – pública e notória – da condessa da Ega, Juliana de Oyenhausen, com o comandante francês invasor, o general Junot, com quem se pavoneava pela cidade. Mostrava-se com ele todas as noites no camarote do Teatro de S. Carlos e recebia-o no palácio da família, perante a mansidão do marido. O jornal fazia até uma piada com as excrescências córneas que teriam surgido e passado a adornar o elmo no brasão dos condes da Ega. O escândalo não ficou por aí: depois da Feliz Restauração e da retirada dos franceses, a jovem condessa seguiu o marido, acusado de traição e colaboracionismo, no exílio para Espanha. Mal chegou a Madrid, enrolou-se com o embaixador russo, o barão Strogonoff, e fugiu com ele para a Suécia... Uma aflição e uma vergonha para a mãe dela, a minha querida amiga Leonor, marquesa de Alorna, a divina poetisa Alcipe.

Além da intriga, o ambiente aqui é propício à busca dos prazeres da carne. O calor convida a aligeirar o vestuário. Os corpos mostram mais pele, a volúpia instala-se e, dizem, não existe pecado do lado de baixo do equador. Mesmo que exista, não é nada que não seja absolvido pelo confessor em troca de umas penitências ligeiras. Se bem que já vi algumas senhoras ficarem na igreja dias inteiros a debitar padre nossos e ave-marias por atacado...

Algumas das minhas amigas consolam-se sozinhas ou em grupo. Eu já participei em algumas sessões em que as carícias e as frases murmuradas em surdina, sopradas mesmo junto ao lóbulo da orelha, despertam os sentidos e humedecem as partes pudibundas. Acabamos por nos consolarmos

umas às outras, com a ajuda de brinquedos apropriados que, pela simples maneira como são nomeados, denunciam logo as predileções políticas das damas: as parciais do conde da Barca, António de Araújo de Azevedo, que foi até morrer chefe da facção que baptizaram como o *partido francês*, chamam-lhes *godemichets*; por outro lado, as que simpatizam com os sucessores políticos do conde de Linhares, o falecido D. Rodrigo de Sousa Coutinho, que encabeçava o *partido inglês*, preferem designá-los por *dildos*. Vi muitos e usei alguns, de vários tamanhos e feitios, pelas cortes dessa Europa fora. Deram-me sempre alegrias, ao contrário do meu marido...

O que também ajuda a excitar os sentidos e despertar pensamentos libidinosos são os doces, confeccionados e consumidos em grandes quantidades, dada a abundância de açúcar nestas paragens. Do que mais gosto é da goiabada, que me lembra a marmelada da minha terra. Há tempos, fui à cozinha e fiquei pasmada com a formosura da escrava que estava a preparar as goiabas. Era uma linda mocubal, vinda de Angola, e não consegui resistir à tentação de desfrutar dos seus encantos. Chamei-a à alcova e ela, obediente, veio logo. Mande-i-a despir-se, o que fez sem hesitar. Não esboçou um gesto de resistência, mas não me encorajou nem mostrou satisfação. Não disse uma palavra. Quando a mandei embora, voltou ao trabalho. A goiabada ficou pronta nessa tarde. Mas não voltei a ver a negra. No dia seguinte informaram-me de que tinha fugido. Não mandei os homens atrás dela. Soube mais tarde que tinha ido para um quilombo, no sertão.

Talvez o mesmo assentamento onde se refugiou o escravo preferido da minha vizinha, a condessa. Durante semanas, ela andou de cabeça perdida com um mandinca da Guiné (lembro-me de que, em Londres, as inglesas falavam sempre em tom elogioso dos *mandingo*, parece que os achavam particularmente dotados para certos serviços domésticos). Mandava-lhe servir ração melhorada, dava-lhe roupa usada, até um chapéu e uns sapatos do marido. Mas de um momento para o outro *surtou*, como dizem aqui. Começou a castigá-lo e ele acabou por fugir. Isto de haver escravos é aquilo a que mais me custa habituar no Brasil. Em Lisboa há muitos negros e negras, com as mais diversas ocupações e mesteres, mas já não há escravos há mais de meio século, graças à lei libertadora da governação ilustrada do marquês de Pombal, em 1761.

Moro numa casa digna do meu estatuto, na Quinta da Boa Vista, perto do Paço real, e tenho a honra e o privilégio de ser convidada com frequência para as orações, cerimónias e ocasiões de convívio com Suas Majestades e Altezas.

A minha vida é um mar de rosas? Certamente que não. De vez em quando surge um ou outro espinho irritante. Por exemplo, o senhor infante D. Miguel, tão novinho, quase menino ainda, e já tão acanhado. Ainda ontem voltou a acontecer: num recanto mais esconso, saiu-me ao caminho, apalpou-me as mamas sem cerimónia e, com a mesma brutalidade, agarrou-me a passarinha e apertou com toda a força. Até me doeu. Um bruto é o que ele é. Um escroto, como dizem aqui. Absolutamente.

Já o príncipe D. Pedro usa outras tácticas para alcançar o mesmo objectivo estratégico. Há dias, passeando pela quinta, procurava eu a sombra de um jacarandá para descansar, saltou ele de trás de um arbusto, tirou o bicórnio, aguardou que eu lhe fizesse a vénia, mas logo em seguida agarrou-me, virou-me de costas, empurrou-me contra o tronco da árvore e começou a levantar-me o vestido. Como eu fizesse tenção de resistir e lhe lembrasse o respeito devido a Sua Alteza a

princesa D. Leopoldina, sua esposa, virou-me de frente outra vez, olhou-me muito sério e disse: “Mulher, não me obrigues a empregar a força para te fazer gozar!”

Eu percebi que estava ferrada, como se diz por cá, e deixei-o dar largas à lascívia. Mas de tão nervosa que fiquei, quando ele me sodomizou eu expeli uma ventosidade que não era só vento e... deixei borrado o principesco órgão, que ainda assim deu boa conta de si, merecendo receber ali mesmo o tratamento de imperial e real. O príncipe não se mostrou incomodado, antes pelo contrário. Quando se deu por satisfeito, deixou-me naquele mesmo lugar, descomposta e humilhada, e foi-se embora dizendo para os botões do seu uniforme: “Tenho de usar aquela fala outra vez...”³

Sua Majestade, El-rei D. João VI Nosso Senhor, é muito diferente. Também me faz esperas, também abusa de mim, mas não é tão violento, o velho sátiro. Apalpa-me toda, dá-me beliscões que me deixam nódoas negras no rabo. Mas benze-se antes de me agarrar. Quando me faz deitar no real leito, levanta-me as saias e o saiote, mexe e remexe, lambe e chupa, mas raramente penetra. Do nada, pára o que está a fazer para rezar e benzer-se e logo volta ao mesmo até dar por concluído o real *cunnilingus*. Beija-me muito e a língua dele sabe sempre a frango assado. Quando acaba, sai do aposento a trautear um hino religioso em cantochão.

Todos me deixam insatisfeita... menos Sua Majestade, a rainha. Agrada-me aquela mulher. O que lhe falta em beleza, compensa-o D. Carlota Joaquina em ferosidade. Acaricia-me sabiamente, mete os dedos onde deve e como eu gosto. Excita-me quando diz com voz rouca, em *portuñol*: “*Me corro, cariño! Me corro!*” Fico sempre cansada depois de estar com ela. Quando me fala das suas ambições e projectos para se tornar rainha da América Espanhola, perante a inépcia do irmão Fernando VII, a quem despreza profundamente, deixa-me cheia de tesão. Molhada e com vontade de voltar a ir para a cama com ela.

Quem também me chama a atenção é a infanta D. Isabel Maria. Muito jovem ainda, mas atilada e promissora. Calada a maior parte do tempo, quando abre a boca percebe-se que é uma mulher a quem a cabeça serve para bem mais do que usar o toucado. Não me parece que venha a casar.

Ultimamente, desde a chegada do paquete que trouxe a notícia da revolução no Porto e da formação do novo governo em Lisboa, não se fala noutra coisa senão no regresso da Família Real à Europa. El-rei tem tido muitas conversas sigilosas com o príncipe D. Pedro, mas a rainha diz a quem a quiser ouvir: “Quando voltar hei-de bater os pés no chão antes de embarcar. Desta terra não quero levar nem o pó nos sapatos.”

Acordei febril. Tive um sonho estranho. Olho o retrato da minha quinta avó, de quem herdei o nome e o título de nobreza (oficioso porque a República Portuguesa não os reconhece), na parede do quarto. Acho que ela entrava no sonho... ou que eu era ela... ou...

Chove em Lisboa, o outono está cada vez mais fresco. “*Winter is coming.*” A cama está desfeita, os lençóis, manchados e quebradiços, revelam vestígios recentes de troca de fluidos

3 “Portugueses, não me obrigueis a empregar a força para vos libertar!” Proclamação de D. Pedro ao desembarcar na praia de Pampelido, a 8 de julho de 1832, dando início à guerra civil no território de Portugal continental. Cf. FERREIRA, João. **Histórias Rocambolescas da História de Portugal**. 10. ed. Lisboa: Esfera dos Livros, 2016. p. 282.

corporais. Cordas de sisal e de nylon, um chicote de couro, um par de algemas no chão, brinquedos sexuais com as pilhas gastas jazem espalhados pelo quarto do apartamento. Levanto-me e vou até à sala, que encontro num caos. A pouco e pouco vou-me recordando. A noite passada convidei uns amigos para uma *partouze* de despedida, antes do início do recolher obrigatório. Fiz, mais por gentileza do que por vontade, um *fellatio* ao professor X., da equipa reitoral. Ciente das minhas obrigações de anfitriã, não me esqueci de comprar na farmácia uma embalagem de KY mentol, para limpar o palato a seguir. Eu sabia que depois do dever vinha o prazer: um *ménage à trois* com A., aluna de pós-graduação da faculdade onde lecciono (mas de um curso com o qual nada tenho a ver – rejo-me pela máxima: “trabalho é trabalho, *cognac* é *cognac*”), e com a minha querida Z., médica intensivista, que estava mesmo a precisar de relaxar depois de vários dias de trabalho ininterrupto no hospital. Agora me lembro... estava a meio de um *cunnilingus* quando deixei de distinguir as nuances dos sabores a amêijoia ou a ostra daquelas minhas duas amigas e amantes. Só me lembro que uma estava depilada integralmente e a outra exibia um tufo farfalhudo. Receio ter perdido o paladar.

Será que fui infectada pela covid?

Referências

FERREIRA, João. **Histórias Rocambolescas da História de Portugal**. 10. ed. Lisboa: Esfera dos Livros, 2016. p. 282.